



## TRÍADE REFLEXIVA: CRIANÇAS, GÊNERO E BAÚ BRINCANTE

### *Eixo Temático 19 Infâncias, Gênero e Sexualidades: Resistências*

#### *Possíveis em Tempos de Retrocessos*

Anatalia Oliveira de Souza<sup>1</sup>

Amanda Queiroz Rocha<sup>2</sup>

Marilete Calegari Cardoso<sup>3</sup>

#### RESUMO

Os brinquedos e as brincadeiras revelam como as relações de gênero são construídas social e culturalmente. O presente trabalho busca responder: o gênero influencia nas brincadeiras livres das crianças, produzidas com materiais não estruturados do Baú Brincante, em um centro infantil universitário na cidade de Jequié-BA? Como as crianças expressam as relações de gênero em suas brincadeiras? O estudo configura-se como uma reflexão sobre situações observadas nas ações do projeto interinstitucional Baú Brincante (UFBA/UESB), que investiga o potencial do brincar livre na Educação Infantil. A partir das vivências no projeto e do diálogo com referenciais teóricos como Rosa; Felipe; Sá-Silva (2024), Brougère (2006), Cardoso, D'Ávila (2022). E refletimos sobre a persistência de visões ultrapassadas que silenciam gênero e sexualidade no cotidiano escolar, compreendendo essas dimensões como problemáticas. As análises indicam que o brincar expressa significados atravessados por construções históricas e culturais, funcionando como uma pedagogia cultural que (re)produz modos de ser e agir esperados para meninos e meninas desde a infância. As situações observadas apontam que, nas brincadeiras espontâneas, as crianças tendem a agir de forma livre, interagindo entre si sem a separação por gênero, utilizando todos os materiais disponíveis. No entanto, a interferência de adultos, com opiniões e posicionamentos diversos, revela tanto esforços de libertação quanto a manutenção de preconceitos socialmente instaurados.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Brincar livre, Relações de gênero, Baú Brincante, Sexualidade.

<sup>1</sup>Graduada do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual Do Sudoeste da Bahia-UESB, [oliveiraanatalia356@gmail.com](mailto:oliveiraanatalia356@gmail.com);

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB-Jequié. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Ludicidade e Infância – GEPELINF, Participante do projeto interinstitucional Baú Brincante (UESB/UFBA). Email: [202020137@uesb.edu.br](mailto:202020137@uesb.edu.br)

<sup>3</sup>Doutora em Educação (UFBA). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Ludicidade e Infância – GEPELINF. Email: [marilete.cardoso@uesb.edu.br](mailto:marilete.cardoso@uesb.edu.br)



## Considerações iniciais

A pesquisa foi estruturada com base no projeto de ação interinstitucional Baú Brincante, o qual analisa o potencial do brincar livre de crianças da Educação Infantil em uma creche universitária da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus Jequié. Esse projeto contou com a participação de aproximadamente 15 crianças, do G1 ao G3, sendo respaldado pelo Comitê de Ética, tendo também autorização para uso das fotografias e contando com integrantes da Iniciação Científica, além das professoras responsáveis pelas turmas. Durante os momentos de pesquisa, observamos que, nas brincadeiras livres com objetos não estruturados, algumas crianças se vestiam com roupas de adultos, e um menino, em especial, demonstrou o desejo de vestir um vestido vermelho. Com base nesses movimentos, levantamos as seguintes questões: o gênero influencia nas brincadeiras livres das crianças, produzidas com materiais não estruturados do Baú Brincante, em um centro infantil universitário na cidade de Jequié-BA? Como as crianças apresentam as relações de gênero em suas brincadeiras?

Dessa forma, objetivamos elucidar a importância de se desenvolver práticas pedagógicas com crianças da Educação Infantil que contemplem as questões de gênero e sexualidade. As discussões foram fundamentadas a partir de autores como Aquino (2019), Rosa, Felipe e Sá-Silva (2024), Louro (2010), Brougère (2006), Piorski (2016), Gibson (1986) e Cardoso, D'Ávila (2022). O percurso metodológico adotado foi o da pesquisa-ação, com abordagem qualitativa, utilizando como técnicas a observação, o diário de bordo e registros fotográficos. Urge, portanto, transpor essa barreira por meio de discussões críticas, que promovam uma consciência coletiva mais humanizadora, sensível, cidadã, respeitosa e diversa, com o intuito de construir uma sociedade costurada pela tolerância, pelo respeito e pela valorização das diferenças.

## Metodologia

As reflexões aqui apresentadas partem de uma abordagem qualitativa, a qual permite analisar aspectos que emergem do cotidiano. Adotou-se como método a investigação-ação, ancorada na epistemologia sociocultural do jogo e das brincadeiras

## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade

Gênero, Saúde e Sustentabilidade

(Brogère, 2006; Piorski, 2016; Gênero, Saúde e Sustentabilidade, 2022). A pesquisa foi delineada com foco nos conceitos de brincar livre e nas questões relacionadas ao gênero, à luz das reflexões de Louro (2010), Aquino (2019) e Rosa, Felipe e Sá-Silva (2024). Para a produção dos dados, utilizamos as técnicas de fotografia, diário de campo e observação participante.

### Referencial Teórico

Como nos aponta Aquino (2019), a escola é uma instituição que historicamente tem reproduzido valores e comportamentos sociais tidos como normativos. Nessa perspectiva, a Educação Infantil, como espaço potente de formação, carece de um olhar atento para a não neutralidade das práticas pedagógicas, principalmente quando falamos das brincadeiras e dos modos como as crianças se expressam corporalmente, afetivamente e simbolicamente. Aquino (2019, p. 18) nos lembra que “o gênero não é dado a priori, mas se constitui dentro do contexto cultural, por meio das relações sociais.” Ao negligenciar isso, corremos o risco de limitar as experiências infantis, reduzindo a diversidade nas maneiras de ser e brincar.

A discussão sobre gênero, portanto, não pode ser desvinculada da compreensão de que somos sujeitos atravessados por uma construção histórico-social. A partir de Louro (2010), compreendemos o gênero como uma ferramenta analítica e política que revela como as normas sociais atuam na constituição das identidades. Não se trata de negar as diferenças biológicas, mas de reconhecer que os significados atribuídos ao masculino e ao feminino são construídos culturalmente. Como afirma a autora, o gênero se constitui “no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem” (Louro, 2010, p. 22).

A partir desse entendimento, é preciso considerar que a infância é marcada por múltiplas experiências e que as crianças estão constantemente produzindo cultura, como defende Kramer (1995). Nesse processo, o brincar livre assume uma centralidade significativa. Ao utilizarem materiais não estruturados e criarem enredos próprios, como aponta Piorski (2016), as crianças reencantam o mundo, revelam subjetividades e, muitas vezes, tensionam normas de gênero que lhes são impostas.

Brogère (2006) ao pensarem o brincar como prática cultural, destacam que ele não é apenas uma atividade lúdica, mas um espaço de expressão, criação e resistência.

## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade

Quando uma criança escolhe um cenário social e gosta de brincar, não se trata apenas de uma escolha estética ou momentânea, mas de um gesto que pode representar deslocamentos e transgressões frente aos papéis de gênero impostos. Nesses momentos, o brinquedo se torna linguagem – e linguagem política.

Cardoso e D'Ávila (2022), ao analisarem as culturas infantis, reforçam a importância de escutar as crianças e valorizar os sentidos que elas atribuem às suas experiências. Quando o adulto interpreta o brincar apenas como distração ou como meio para ensinar algo “útil”, ignora seu potencial de subjetivação. Essa visão utilitarista e adultocêntrica ainda é muito presente nas práticas pedagógicas, como evidencia Souza (2015), ao denunciar os mecanismos de vigilância e castração que operam nas instituições, inclusive nas creches. A própria escolha dos brinquedos, os espaços que se destinam aos meninos e às meninas, e as orientações que buscam “corrigir desvios”, tudo isso são formas de silenciar a diversidade que pulsa nas infâncias.

Nesse sentido, gênero não é apenas uma identidade, mas uma estrutura relacional que organiza desigualdades e exerce poder sobre os corpos e modos de existir, como discute Butler (2003). A escola, ao invés de reforçar essa lógica, precisa ser espaço de resistência e emancipação. Como questiona Carvalho (2008, p. 4):

Que escolarização é essa que promove e reforça inteligências, aptidões, habilidades e competências diferenciadas por sexo/gênero, produzindo trajetórias escolares distintas e perdas pessoais para meninos e meninas no seu desenvolvimento humano?

Reforçamos, portanto, a partir disso, a necessidade de práticas pedagógicas comprometidas com a escuta sensível, o respeito à diversidade e a valorização do brincar como espaço de expressão da subjetividade. Os dados observados no Baú Brincante revelam que, quando oportunizadas, as crianças constroem mundos possíveis e subvertem normas com criatividade, liberdade e coragem. Nossa tarefa, como educadoras e pesquisadoras, é garantir que essas vozes não sejam silenciadas.

### **Gênero e Infância no Cotidiano: pistas de uma educação que ainda tem medo da diferença**

A análise dos dados construídos e das interações e brincadeiras em campo evidenciam o quanto a infância, sobretudo na Educação Infantil, é atravessada por

## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Bem-Estar da Criança



discursos normativos que silenciaram, regularam e disciplinaram, delimitam as possibilidades de existência das crianças. Em observações cotidianas e registros de falas espontâneas, tornou-se perceptível que, mesmo em espaços que se propõem ao cuidado e ao brincar livre, ainda persistem resquícios de uma pedagogia que opera por controle, por moldagem de comportamentos e por uma constante vigilância dos corpos, principalmente por parte dos adultos presentes naquele espaço que carregam consigo concepções de gênero rígidas, e imagens pré definidas do que é permitido para homens e mulheres, mesmo ainda ocupando corpos infantis que deveriam estar livres dessas amarras sociais de preconceito e obrigações.

Um exemplo claro observado foram alguns dos momentos em que existiu algum tipo de interferência adulta no brincar, mesmo não sendo a ideia do projeto, que defende a mínima interferência adulta possível no brincar, era possível ouvir em alguns momentos por parte das docentes de quais brincadeiras poderiam ser criadas com os objetos, e que as meninas utilizando algumas das fantasias presentes em meio aos objetos pareciam princesas mas os meninos não podiam vestir, por ser um vestido, véu, sandálias e outros artefatos femininos mesmo não carregando essa construção na perspectiva do brincar e do projeto.

Nesse contexto, as práticas observadas indicam que o gênero não está apenas nos discursos explícitos dos adultos, mas se infiltra nas entrelinhas das relações: nas escolhas dos objetos disponíveis por parte de algumas crianças, e até mesmo falas como “é brinquedo de garota”, demonstrando uma reprodução do que a criança vivencia socialmente, e, principalmente, nas correções sutis (e nem sempre tão sutis) feitas quando um menino prefere os utensílios de cozinha e uma menina, objetos distantes do que é posto só comportamento feminino “esperado”, como observamos na figura a seguir:

**Figura 1** – Menino querendo vestir vestido.

## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade



Fonte: acervo da pesquisa (2024)

Analisando isso, a professora responsável interrompeu quando a criança estava tentando vestir e brincar com o vestido vermelho. Ela afirmou: “Não! Você não pode brincar com isso. É coisa de menina!” Percebemos que, como afirma Louro (2010) o gênero não é um dado, mas um construto, uma linguagem que se aprende e se reforça socialmente. As instituições, como a escola, tornam-se, portanto, cenário privilegiado dessa aprendizagem normativa. É importante destacar que, ainda que haja avanços no campo da formação docente, as práticas do cotidiano revelam uma distância entre o discurso da diversidade e sua real materialização no chão da escola. Aquino (2019) já nos alertava que a escola ocupa um papel estratégico na reprodução de valores sociais tidos como adequados e desejáveis, mas é justamente por isso que ela precisa ser tensionada: que valores são esses? Para quem são desejáveis? E o que acontece com as crianças que escapam — ainda que minimamente — dessas expectativas?

No cenário da pesquisa, observamos momentos em que a tentativa de expressão infantil era interceptada por falas como “isso é coisa de menina” ou “você vai brincar com isso?”. Tais episódios confirmam o que Souza (2015) denuncia: uma antecipação da norma de gênero que age antes mesmo do nascimento e se fortalece no cotidiano familiar e institucional. São pequenas violências simbólicas que vão construindo corpos docilizados e mentes podadas, o que se distancia radicalmente de uma educação emancipadora e plural.

Argumentamos ainda que, ao contrário do que poderia parecer, esses comportamentos nem sempre são conscientes ou mal-intencionados. Muitas vezes, surgem revestidos de cuidado ou de “preparação para o mundo”, como justificam alguns adultos. No entanto, como bem afirma Carvalho (2008), esse tipo de escolarização que

## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Diversidade

segrega por gênero acaba por consanar, a toda a assistência, com perdas irreparáveis na constituição subjetiva das crianças. Quando se estabelece, ainda que de forma implícita, que o brincar tem gênero, que os afetos têm gênero e que os comportamentos "aceitáveis" têm gênero, estamos operando um projeto educacional que não é neutro — e que precisa ser repensado.

Em contraste com essas práticas, as experiências vividas e observadas no âmbito do projeto Baú Brincante revelaram outras possibilidades de relação com a infância e com o brincar. Ao permitir que as crianças ocupem os espaços de forma autônoma, explorando o quintal, os elementos naturais e os materiais não estruturados, foi possível presenciar a emergência de subjetividades múltiplas e inesperadas.

Essas experiências nos fazem pensar que a transformação não está apenas em inserir conteúdos sobre gênero ou diversidade nos planejamentos pedagógicos, mas em produzir deslocamentos no modo como escutamos, acolhemos e deixamos viver o outro. Nesse sentido, qualquer proposta que vise à educação para a equidade precisa, antes de tudo, abrir-se à escuta radical da criança e de suas expressões singulares — mesmo (e principalmente) quando elas desorganizam nossas ideias e certezas.

### Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa apontam para a urgência de se problematizar as práticas pedagógicas ainda marcadas por um adultocentrismo normativo e uma concepção binária e rígida de gênero. Se quisermos, de fato, promover uma educação que respeite as infâncias em sua pluralidade, é necessário romper com o modelo escolar que insiste em formar “meninos” e “meninas” com funções, roupas, brinquedos e futuros já pré-estabelecidos. As reflexões provocadas por esta investigação não se encerram com respostas definitivas, mas se desdobram em novos questionamentos que tensionam o lugar da infância, do brincar e das relações de gênero no cotidiano das instituições educativas. O Baú Brincante, enquanto prática potente de escuta e liberdade, revelou não apenas a criatividade das crianças, mas também a rigidez de certas estruturas que ainda insistem em normatizar corpos e gestos desde os primeiros anos de vida.

Ao permitir que a infância se expresse em sua pluralidade, rasgamos silêncios impostos e abrimos brechas para práticas pedagógicas mais sensíveis, comprometidas



com a construção de uma educação **Gênero e Sexualidade** verdadeiramente inclusiva. Espera-se, assim, que este estudo contribua para o avanço de debates urgentes sobre gênero e sexualidade na Educação Infantil, reforçando o compromisso ético-político com a diversidade e com os direitos das crianças a serem quem são, em liberdade e dignidade.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Vanessa Gomes de. *Gênero na educação infantil: investigando a prática pedagógica de professores do Município de Vitória da Conquista*. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. Tradução de Adriana Hoffmann. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CARDOSO, M. C. Catadoras do brincar: o olhar sensível das professoras acerca do brincar livre no ensino fundamental I e suas ressonâncias para a profissionalidade docente. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

D'ÁVILA, C. M. T; XAVIER, A. A. S.; CARDOSO, M. C. Formação docente em rede: o olhar de professores sobre o brincar livre através de dispositivos móveis e novas reconfigurações formativas. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 113-128, 2020.

KRAMER, Sonia. *Quem tem medo de ensinar na educação infantil?* 4. ed. Editora Alínea, janeiro de 2021.

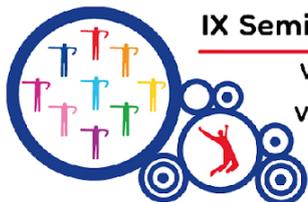
LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PIORSKI, Gandhi. *Brinquedos do chão: A natureza, o imaginário, e o brincar*. Editora Peirópolis; 1ª edição, 2016.

ROSA, Cristiano Eduardo da; FELIPE, Jane; SÁ-SILVA, Jackson Ronie. Pedofilização e scripts de gênero: o que pode a produção teórica de um grupo de pesquisa? *Diversidade e Educação*, Rio Grande, v. 10, n. 1, p. 64–82, 2024. DOI: 10.14295/de.v10i1.14319. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/14319>. Acesso em: 29 abr. 2025.

SOUZA, Marlene de. Gênero e sexualidade na educação infantil. In: RIBEIRO, Marília Goulart; SOUZA, Marlene de (org.). *Educação infantil em diferentes contextos*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2015. p. 89–108.

CARVALHO, Marília Pinto de. Educação e relações de gênero: uma discussão para além dos muros escolares. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 34, n. 1, p. 11–26, jan./abr. 2008. DOI: 10.1590/S1517-97022008000100002.



## **IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade**

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

